

“A MINHA ONU” OU AS SALAS DE AULA MULTICULTURAIS NA EB 2,3 POETA SILVA GAIO

Integração 22% dos alunos que frequentam o Agrupamento de Escolas Coimbra Centro são de outras nacionalidades, o que exige da parte da escola uma gestão e preparação específica por forma a garantir o sucesso dos alunos no seu percurso formativo. O Agrupamento está empenhado e integra a REEI

Rosette Marques

Uma sala de aulas multicultural. São 20 alunos de seis nacionalidades a frequentar o 1.º ano do 1.º ciclo na EB 2,3 Poeta Manuel da Silva Gaio, em Coimbra. Basta ouvir a professora a chamar por cada um deles e a sonoridade é diferente. Nomes próprios (omittem-se propositadamente) do Brasil, mais ou menos familiares, outros totalmente diferentes, tal como os dos meninos do Nepal ou do Irão. Mas todos eles se entendem e a menina nepalesa já ensinou várias palavras à sua amiga do Brasil. E pelo meio, apenas uma menina portuguesa que revela já conhecer os vários nomes que um “afia-lápis” ganha numa sala de aula como esta. Os meninos brasileiros chamam-lhe “apontador”, enquanto os outros já adotaram a terminologia portuguesa que pode ser “afiador” ou “afiadeira”. E esta reali-

dade repete-se ao longo do dia, com muitas outras palavras ou expressões. É a aprendizagem e a integração a acontecer naturalmente. E claro, a «orientação» está sempre em cima da mesa, mas a professora Paula Silva, com mais de 30 anos de experiência e com um espírito aberto, não tivesse ela também vivido um tempo de integração, já que, quando menina, veio da África do Sul para Portugal, explica que «deixamo-los falar livremente, questionar, pois são muito curiosos e sensíveis. Depois, procuramos adaptar a forma de ensinar às especificidades de cada um». Opinião corroborada pela professora Maria da Conceição Malhó, diretora do Agrupamento de Escolas Coimbra Centro, que insiste que «a escola é isso mesmo, aberta à diversidade, pelo que temos de estar atentos à singularidade de cada aluno».

Dinâmicas próprias

E é isso que se faz a cada mo-

mento com cada aluno. Numa das dinâmicas da aula de ontem, a que o Diário de Coimbra teve oportunidade de assistir, a professora bibliotecária, Paula Salvador, e a professora titular, Paula Silva, convidaram os alunos a mostrar que já sabiam quantas letras tem o alfabeto português. E na sala, foram vários os alunos a confirmar que têm feito as suas aprendizagens. De seguida, o desafio já era um pouco mais ambicioso. Depois da escolha de uma letra, cada um deveria dizer uma palavra a começar por essa letra. E as respostas surgiam em português, pois o objetivo para os alunos da turma (todos de diferentes nacionalidades e só uma portuguesa) é, de facto, «a aprendizagem da língua portuguesa». Para tal, fazem-no «na sala de aula, no dia a dia, na interação com os colegas e, de uma forma mais estruturada com a disciplina de Português Língua Não Materna», destinada a todos os alunos oriun-



O Agrupamento de Escolas Coimbra Centro é uma das cinco escolas portuguesas Amigas da CPLP

dos de contextos migratórios e regulamentada através do Despacho 2044/2022, de 16 de Fevereiro», como explicou a diretora do Agrupamento.

Na outra sala de aula, a do 2.º ano, a mesma realidade. Dos 23 alunos da turma, apenas três são portugueses. As origens são maioritariamente do Brasil e Angola, mas há também alunos da Argentina, do Peru, do Chile e do Nepal. Para Paulo Ribeiro, o professor titular do 2.º ano, o

grande desafio centra-se no início do ano letivo, com as dificuldades da língua, num primeiro momento, mas há outros constrangimentos, como o facto de «se receber alunos em qualquer altura do ano», explica o docente. Depois, há as realidades diferentes de cada aluno «que precisamos entender para melhor os acolher», refere o professor, que reconhece que «trabalhar com alunos com estas características é um desafio